

Contrabinariedade: Gênero e Organizações

Akira Aikyo Galvão¹

Juh Círico²

Silvia Pereira de Castro Casa Nova³

Resumo: As organizações refletem a sociedade na qual estão inseridas. Se uma determinada cultura é nutrida pela homotransfobia, exorsexismo, racismo, misoginia, capacitismo, gordofobia, etarismo, dentre outros preconceitos, as organizações presentes nesse contexto sofrerão influência das discriminações que permeiam esse corpo social. O trabalho "Contrabinariedade: Gênero e Organizações" surge a partir de provocações sobre as ausências e opressões de gênero causadas pela cisbinariedade compulsória que opera na sociedade brasileira. O enfoque deste trabalho artístico é na área de negócios. Identidades femininas latinas se unem para produzir uma colagem sobre não-binariedade e uma poesia que convoca corpos não hegemônicos a ocuparem os seus espaços nas organizações. Saudando a nossa ancestralidade trans e travesti, tomamos a fala, apresentando ciência-arte a partir de nós, para todas, todes e todos.

Palavras-chave: Contrabinariedade, Organizações, Gênero, Não-binariedade.

¹ Mestrando em Administração na Universidade São Paulo - USP. akira.aikyo@usp.br.

² Doutora em Ciências Contábeis na Universidade Federal de Uberlândia - UFU. juhcirico@gmail.com

³ Doutora em Controladoria e Contabilidade pela Universidade de São Paulo - USP. silvianova@usp.br

Rememorar e Reorganizar

Rememorar é saudar, reconhecer e se reconectar com todas, todes e todos que vieram antes de nós. Escrevemos a partir de um lugar - classe social, identidade de gênero, sexualidade, raça e etnia. A história daquelas que produziram a colagem se conecta com a história de suas ancestrais; em um tecer artístico, incontáveis vidas se encontraram para que a obra apresentada se concretizasse.

Os elementos gráficos que compõem a colagem são flores, fitas adesivas e recortes de diversos tipos de papéis. O objetivo de incluir esses elementos é para ressaltar que há beleza no reconstruir (flores), que diversas histórias se conectam e formam um "mosaico" de resistência (fitas adesivas), e que, por mais diversas que sejam as trajetórias, as culturas e o tempo das imagens e fotografias, todas, sem exceção, têm sua própria história (papéis).

Figura 1 - Rememorando e Reorganizando Gênero



Fonte: Elaborado pelas autoras, 2024.

Na colagem apresentada, temos Xica Manicongo, a primeira travesti negra não-indígena brasileira, que aparece vestida de amarelo ao lado do mapa do Brasil. O sobrenome de Xica Manicongo é traduzido da linguagem dos governantes de seu país de origem como rainha ou realeza do Congo. Xica viveu em Salvador, onde foi escravizada e posteriormente acusada e julgada pelo Tribunal do Santo Ofício, uma instituição eclesiástica, pelo "crime" de sodomia (DE JESUS, 2019).

Atualmente, Xica Manicongo é um símbolo cultural e histórico de resistência às normas cis binárias por diversos grupos e organizações sociais que reivindicam a inclusão, permanência e a dignidade de pessoas trans, travestis e não-binárias.

Em seguida, temos a bandeira não-binária, cujas cores são: amarelo, branco, roxo e preto. O amarelo representa as pessoas que não se enquadram no cis binarismo de gênero (homem e mulher); o branco representa a variedade de gêneros, uma vez que a não-binariedade é um termo guarda-chuva que engloba diversas outras identidades dissidentes da norma binária. O roxo representa pessoas que se identificam como uma mistura do binário (homem e mulher), não sendo apenas um ou outro. Por fim, o preto representa a ausência de gênero, dedicado a pessoas agênero que estão inseridas no espectro não-binário.

A bandeira não-binária aparece em outras duas imagens na colagem. Na primeira, a bandeira está pintada no punho de uma mão que se estende até a imagem de Xica Manicongo; na outra imagem, a bandeira está nas costas de uma ativista que se veste com a bandeira, como quem é abraçada pela identidade de gênero. O afeto e o conforto na dissidência de gênero são representados aqui.

A seguir, temos a imagem de indígenas nomeadas *two-spirits*, ou em tradução livre, "dois espíritos". Os *two-spirits* são ameríndios que não se enquadram na norma binária de gênero, sendo o *two-spirit* um terceiro gênero para os povos originários das Américas (ROSCOE, 1998; DRISKILL, 2013).

A colagem também apresenta fotografias contemporâneas que representam a resistência da dissidência de gênero ao longo dos séculos, desafiando o binarismo de

gênero até os dias atuais. Embora o tema da não-binariedade de gênero tenha ganhado maior repercussão e alcance com o advento da internet, a história nos mostra que o binarismo de gênero é recente, pois a diversidade humana não cabe em rótulos de colonizadores cristãos conservadores.

Para Além do Binarismo de Gênero

Concluimos nosso projeto artístico com uma poesia escrita por três identidades femininas latinas dissidentes de gênero que resistem no ambiente acadêmico na área de negócios, produzindo saberes subversivos em relação ao *mainstream* e ao padrão ideal conservador e binário produzido pelas organizações brasileiras (ACKER, 1990).

*Fabricamos gênero,
Assim como fabricamos a nós mesmas.
Corpos dissidentes,
Femininas e Latinas,
Entoam em uma só voz.*

*Não pedimos permissão,
Nem mesmo a licença,
Dispensamos a cortesia,
Para aqueles
Para quem nossa ausência
Nunca fez diferença.*

*Incontáveis são
Os talentos abandonados,
Pela perversidade cis binária,
Cruelmente apagados.*

*Não foram uma, nem duas,
São milhares de irmãs
Que foram lançadas à própria sorte,
A sorte que nunca tiveram,
A sorte cis binária.*

*Nascidas em um mundo
Pré-disposto a nos odiar,
Resultado de anos de perseguição,
“Ser homem ou mulher”,
Assim é desde a colonização.*

*A cis binariedade que oprime,
A cis binariedade que apaga,
Nos registros contábeis,
A voz de Xica Manicongo foi calada.*

*Mas hoje não!
Hoje o opressor não vai dormir.
Quem recebe meu currículo,
É outra travesti.*

*Ocupamos os espaços,
O acadêmico e as organizações.
Fabricamos gênero,
Reivindicando a inclusão.*

*Sejam bem-vindas,
Bem-vindes e bem-vindos.
Não peçam licença,
Para ocupar o que sempre foi seu.*

Referências

- ACKER, Joan. Hierarchies, jobs, bodies: A theory of gendered organizations. **Gender & society**, v. 4, n. 2, p. 139-158, 1990.
- DE JESUS, Jaqueline Gomes. Xica Manicongo: a transgeneridade toma a palavra. **Revista Docência e Cibercultura**, v. 3, n. 1, p. 250-260, 2019.
- DRISKILL, Qwo-Li. Duplas críticas de dois espíritos: Construindo alianças entre estudos nativos e queer. **GLQ: A Journal of Lesbian and Gay Studies**, v. 1-2, pág. 69-92, 2010.
- ROSCOE, Will. **Changing ones: Third and fourth genders in Native North America**. New York: St. Martin's Press, 1998.

**Counterbinarity:
Gender and Organizations**

Abstract: Organizations reflect the society in which they operate. If a certain culture is fueled by homotransphobia, exorsexism, racism, misogyny, ableism, fatphobia, ageism, among other prejudices, organizations in that context will be influenced by the discrimination that permeates this social body. The work "Contrabinariedade: Gender and Organizations" arises from provocations about gender absences and oppressions caused by compulsory cisbinarism prevalent in Brazilian society. The focus of this artistic work is in the business area. Latin female identities come together to produce a collage about non-binarity and a poetry that calls on non-hegemonic bodies to occupy their spaces in organizations. Saluting our trans and travesti ancestry, we take the floor, presenting science-art from us to everyone.

Keywords: Counterbinarity, Organizations, Gender, Non-binary.

Recebido: 17/01/2024

Aceito: 15/05/2024